



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# A FADA LOURA

POR FERNANDA DE MATOS E SILVA—(DYNETTE)

Desenhos de A. CASTAÑÉ



IAZINHA, conte-me uma história, sim? Pedia Léna com voz miudinha, sentando-se ao lado da tia.

—Uma história de fadas?

—Não, uma história bonita, verdadeira, de meninos e meninas, pediu a sobrinha com ar desencantado. Fadas, não há, é tudo histôrial!

—Há, pois há? interrogou Maria Luíza, uma amiguinha de Léna que viera passar com ela o dia.

—Pateta, pois não sabes que não há fadas? atalhou Léna, em ar de superior desdem, franzindo os lábios cor de

romã madura. A tia que bordava junto de uma janela, sentada numa cadeira pequenina e cômoda, pôs o bordado sobre o cêsto aberto da costura e, rindo, protestou:

—Oh! Luízinha, como és tonta! Eu, na tua idade, acreditava em fadas e esperava, a cada momento, ver aparecer-me uma, dando-me brinquêdos e guloseimas!

—E' que a tia era criança! sentenciou Léna com ênfase. A tia riu a bom rir, mas, olhando-a fixamente, com os olhos brilhantes e belos, onde se espelhava qualquer cousa de irreal, disse em voz misteriosa:

—E, no entarço, há fadas. Vivem a vida de cada um de nós com os mesmos traços que usamos, os mesmos modos, nas mesmas casas onde vive toda a gente. E' o disfarce de que usam, para poderem fazer bem, sem serem reconhecidas. Eu conheço uma!...

Uma expressão de pasmo e alvoroço, espalhou-se nos rostos moreno e loiro das duas amiguinhas, e, á uma, pediram vivamente interessadas:

— Conte, conte...

A tia, fazendo-as sentar comodamente sobre almofadas, a seus pés, sorriu misteriosamente e começou na sua voz suave:

—Era uma vez... ou antes, há muitos anos, reinava o maior alvoroço em uma certa casinha, pequenina e elegante, onde aparecera deitada num bercinho branco e cor de rosa, entre rendas e sêdas, um bébé. Adorneceram misteriosamente a mãe e a avó que a guardavam,

e um silêncio profundo se espalhou pelo quatinho enfeitado e bonito como uma caixa de bombons.

Qualquer cousa de anormal ia acontecer, pois que, subitamente, no quarto, começou a ouvir-se, como muito ao longe, o som harmonioso de vozes cantando em surdina uma canção tão linda que bem se via não ser deste mundo e, em novelos prateados e niveos, um fumo leve e perfumado se espalhou, enchendo o ar do aroma de todas as flôres reunidas. Uma intensa claridade brilhou do lado da janela, e, dos raios brilhantes do luar, começaram descendo, uma a uma, dez formas imprecisas e aéreas, feitas das fulgurações das estrêlas e das nuvens vermelhas da aurora, que, ao tocar com a fimbria dos

(Continua na página 3)





# FEITIÇOS NA TERRA

POR ARNADOL DESENHOS DE ARCINDO

**E**M certa distante povoação, existia um rapazota chamado José Francisco, que tinha por alcuinha «Zé Quitolas» e que era muito medroso.

Um dia, a vizinhança, sabedora do seu grande defeito, aproveitou a sua ausência e decidiu fazer de uma abóbora uma caveira, que espetou num pau, cobrindo-a com um lençol, depois de lhe haver posto dentro uma vela acêsa, a imitar o demónio.

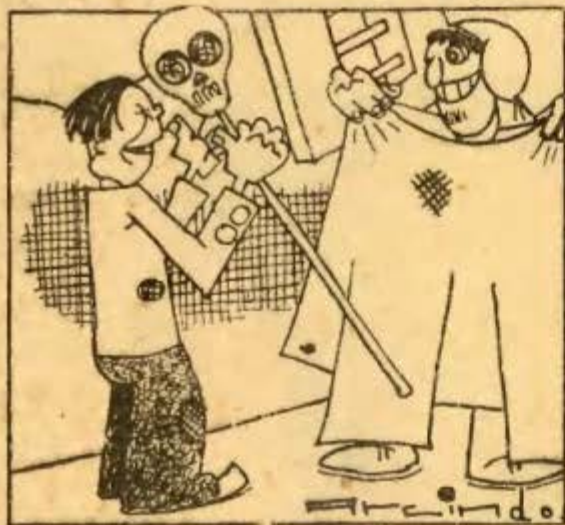
Colocado o improvisado fantasma no seu quarto de cama, a vizinhança retirou-se e escondeu-se atrás da casa, aguardando o seu regresso.

Decorridos cinco minutos viram-no vir ao longe, de volta da praça, carregado de compras.

Assim que o «Zé Quitolas» entrou em casa, foi à cozinha depôr as compras sôbre a mesa e resolveu em seguida ir deitar-se para o que, logo,



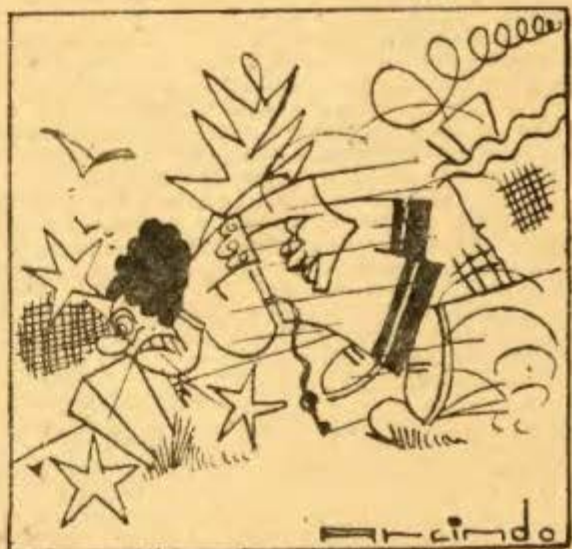
Ao recuperar os sentidos, dando com a vizinhança a rir à gargalhada, o «Zé Quitolas» percebeu que se tratava duma partida e ao ser informado, momentos depois, do que sucedera à pobre mulher, ficou de bôca aberta, a scismar no que poderia ter evitado se não fôra um verdadeiro medroso.



se encaminhou para o quarto. Entretanto, depa-  
rando o terrível espectáculo, começou aos berros,  
fazendo acudir toda a vizinhança que tinha pre-  
parado o desacato.

A mulher do «Zé Quitolas» que já era velhóta e se encontrava distante, ao ouvir tal alarido, corre alarmada ao encontro do marido que perdera os sentidos. Dirige-se, então, à farmácia que ficava longe da terra mas com tanta infelicidade que tropeça e cai, partindo uma perna e ficando parálitica para todo o sempre.

■ F I M ■



# A FADA LOURA

(Continuação da 1.ª página)

vaporosos vestidos na lã do tapete, tomavam formas reais.

Eram dez lindíssimas mulheres, esguias, altas, maestosas nos seus vestidos fulgurantes, de todas as cores do arco-iris, feitos de luz e pétalas de flores exquisitas e raras.

A primeira, de longo manto de ouro puro, cobrindo-lhe os ombros formosos, passou pelo quarto, como que voando lentamente réis-vés do solo e, olhando para o berço enfeitado, parou a sorrir.



Com a branca mão lírial, afastou as cortinas de tule bordado, e, pegando no bebé, com amor, elevou-o nos braços acima da formosa cabeça; apresentando-o, assim, às outras, que, em cerimoniosa reverência, se curvaram quasi até ao chão.

Com uma voz mais melga e doce do que o cantar das avesitas, decretou:

—Filhas, eis vossa nova irmã. Será minha afilhada, para o que vou dar-lhe poder de fada, e alma de mulher. Vinde beijá-la! Uma a uma, as nove fadas, vieram beijar o rosto branco e rosado da fadazinha cujos cabelos eram como doce penugem dourada, aureolando-a de luz.

A primeira, que outra não era senão a Rainha das Fadas, deitou, então, a pequenina no seu berço de seda e,

às tuas ordens na nova secção do Pim-Pam-Pum. Um abraço.

Lili D. R. (Lisboa). — Os versos que enviaste parecem-me copiados. Foram entregues ao Director deste semanário. O boneco para publicar, fica à espera da vez.

Américo Gonçalves (Porto). — Só faltou a música a tocar na tua manifestação pela minha reaparição... E os foguetes? Fchiiii... Pum... Pum... Pum!...

Agora a sério:—Qualquer pedido de números antigos do Pim-Pam-Pum deve ser dirigido à Administração d'O Século a cargo de quem está a remessa desses exemplares.

Sobre a tua colaboração:—Mandaste uma tam grande quantidade de produções que só com bastante tempo as posso analisar.

O que estiver bom, publica-se; o que não estiver vai para o cesto dos papéis.

Eu sou assim... pão, pão... queljo... queijo!... Um camião de abraços.

José Lemos Cardoso (Viseu) — Não é a mim que devés dirigir a tua reclamação. Sabes lá a quantidade de original que todos os dias recebemos... Nada mais natural do que terem-se extravaliado as tuas produções. Não desanimés por esse motivo.

Toda a correspondência sobre esta secção deve ser dirigida a

TIO-TONIO — Rua do Século, 43 — LISBOA

SOLUÇÃO DO ENIGMA ANTERIOR: — Pela boca morre o peixe.



Hilário (Évora). — O problema de palavras cruzadas que enviaste, embora seja interessante, é muito complicado para os leitorzinhos do Pim-Pam-Pum. Faze um outro mais pequeno que será publicado. Não me trates por V. Ex.ª... trata-me por tu se te dá mais jeito.

Daniel José Ferreira (Lisboa). — Vou estudar as construções que enviaste, as quais prometo publicar quando der saída às imensas coisas que cá há à espera da vez. O problema das argolas é fácil de mais. Um grande abraço.

A. Loureiro de Sá (Covilhã). — Uma carroçada de abraços para ti e aguarda para breve grandes e piramidais novidades!!!

José Adelino Espinho (Beringel) — Recebi a tua amável carta que muito agradeço. Como sempre, tens-me

abençoando-a, risonha, baptisou-a, á moda das fadas, com canções misteriosas e lindas e com raios de luar.

Com reverências respeitosa, cada uma se curvou diante da rainha, e, como tinham vindo, se sumiram em fumo perfumado junto da janela entreaberta. A rainha, que ficara junto do berço, beijou a criança novamente, a sorrir, e, murmurando o nome da fadazinha adormecida, desvaneceu-se num raio mais fulgurante de luar, ficando, apenas, junto da janela, agora fechada e banal, como qualquer outra janela, uma poeira de prata brilhando no ar, um vago perfume de flores.

Estava baptisada a Fada Loura.

Fada Loura, cresceu a pouco e pouco, como qualquer menina.

Era branca como um floco de neve, rosado pela luz dos primeiros raios do sol, e os cabelos de ouro puro, com a idade, foram, a pouco e pouco, escurecendo, tomando a côr delicada e doce de ouro velho, que só se doura á luz brilhante do sol. Como todas as meninas foi o enlevo dos pais e dos avós, a graça, o perfume da casa, pois, embora tivesse mais irmãos, ela era sempre a primeira, talvez porque tinha qualquer cousa consigo que atraía os corações.

Como uma menina qualquer, foi á escola, fez os primeiros exames e em casa, onde ajudava a mãe, tinha as occupaões das outras meninas da sua idade, entre os estudos, pequeninos trabalhos e alegres brincadeiras.

Mas chegou, enfim, o grande dia decretado pela Rainha das Fadas para ser o do início do seu poder. Após grave doença que a teve presa ao leito muitos dias, a Fada Loura levantou-se, convalesceu, curou-se pouco a pouco, e, ao aproximar-se o dia dos seus 15 anos, que e quando as fadas começam a ser diferentes dos outros mortais, cresceu, cresceu, e da menina que usava saias pelo joelho e peguinhas, desabrochou uma elegante e linda rapariguinha esbelta e graciosa, uma verdadeira fada.

Acordou bem humorada no dia dos seus anos. Ao abrir os olhos côr de ouro, notou, que o sol, claro, brilhante, dourado, lhe entrava em catadupas de luz pelo quartozinho gracioso, como convidando-a a levantar-se e a ir admirá-lo da sua janela.

Fada Loura obedeceu áquele belo convite, e, deitando fóra a preguiça, êsse costume feio de levantar tarde que muitas meninas teem com prejuizo da sua saude e dos seus afazeres, foi descerrar as portas de madeira, embeber os olhos na risonha paiságem que, talvez em sua honra, se toucara de beleza. Era em Abril, mês das flôres e dos perfumes, das árvores, em flôr, dos campos vestidos de esmeraldina relva aveludada e esmaltada das ingênuas e lindas margaridas, brancas, como enxame de frágeis borboletas.

Alegremente vestiu o seu vestidinho simples e ga-



lante, de trazer nas horas do trabalho, e depois da rigorosa «toilette», pôs-se a arrumar, cantando a meia voz, o seu quarto. Despreocupada, de grande chapéu de palha, desprentenciosa, foi colher grande abada de flôres, tantas, que com elas encheu todas as jarras do seu quarto, e em toda a casa pôs a nota gracil, feminina-de ramos bem armados.

Todo o dia trabalhou generosamente, emprestando a tudo em que tocavam as suas mãos de fada, uma graça especial, um carinho, uma tocante poesia, e, desde a hora bendita em que fez quinze anos, Fada Loura foi a verdadeira fada do Lar dos-seus pais e irmãos.

—Mas na tua história não há nada de maravilhoso? notou, espantada, Lêna, com seus grandes olhos negros fitos nos da tia.

—E quem te diz isso? A minha fada tem o doce condão de fazer cousas maravilhosas tão modestamente que as pessoas que a rodeiam nem dão, sequer, por isso! Quasi todas as meninas são um pouco preguiçosas, gostam de se levantar tarde.

—Eu! confessou Lêna, rindo.

—Vês? A Fada Loura levanta-se quasi ao romper da manhã, e ama o trabalho como uma corajosa mulher, olhando os seus deveres, frente a frente. As outras meninas da sua idade, são quasi todas vaidosas, gostam de vestidos caros, dos penteados da moda por mais feios que sejam, de ser admiradas por todos, pela sua beleza!

—Eu gostava tanto que todos me achassem linda! exclamou Maria Luisa com unção.

Mas a tia de Lêna poisou-lhe a mão amiga na cabeça loura e, sorrindo meigamente, respondeu:

—Tu vales mais do que isso, Maria Luisa. A beleza física é muito para agradecer a Deus, quando generosamente no-la dá, tornando-nos agradáveis a nós mesmos e aos olhos dos outros, mas, um coraçõzinho recto, sensato, bondoso como o da minha Fada Loura, quanto mais



Para todos é boa e agradável; fala com doçura e amizade aos avós, respeita e estima os tios, adora os pais e os irmãos, e, simplesmente, sem toleimas, não se afasta dos pobres, dos humildes, fala-lhes com delicadeza, como boa cristã que se reconhece irmã dos seus irmãos menos felizes.

Não escolhe a amizade entre a riqueza, e, indistintamente, brinca, ri, é amiga das filhas do caseiro como da filha do guarda-livros do avô!

—E' como a Lídia, tem graça! exclamou Lêna, rindo.

—E' ela, é ela! E' a Lídia, a Fada Loura, pois não é? gritou Maria Luisa alvoroçada de alegria pela sua descoberta.

E a sorrir, feliz, comovida, alegre, a tia aquiesceu:

—Adivinhaste, Maria Luisa; a Fada Loura é a tua amiguinha. Vês como ainda hoje há fadas? disse, voltando-se para Lêna, boquiaberta.

—Pois ela é fada?! perguntou esta, espantadíssima.

—Claro. Não é a alegria da vossa casa? Não lhes dá, generosamente, a cada um, o melhor do seu coraçãozinho de ouro? Não é o traço de união tantas vezes entre os pais, entre vocês, unindo-os com o seu exemplo de amor, de abnegação, de doce obediência, da alegria simples de espalhar o bem-estar à vossa volta? Já vês que é uma fada, das muitas que ainda andam escondidas por esse mundo fóra, por mandado da sua Rainha.

Lêna e Maria Luisa ficaram absortas, no pensamento destas verdades que os seus coraçãozinhos desconheciam e, durante um momento, reinou um profundo silêncio.

—Não gostaram da minha história? perguntou a tia, olhando-as divertida e ansiosa.

—Oh! sim, é bem bonita, uma verdadeira história de fadas! respondeu Maria Luisa prontamente.

A porta abriu-se de mansinho e uma figura clara, esbelta, saudavel, desenhou-se fortemente no claro-escuro da sala.

Um rosto calmo, sem as clássicas feições da estatuaria grêga, mas belo pela bondade que se espelhava nos claros olhos alegres, e pela singeleza do lindo sorriso vermelho dos seus lábios em flôr. Uma franja de ouro cendrado escondia-lhe parte da fronte alta e branca; gracioso o cabelo caia-lhe sobre as orelhas pequenas e côr de rosa, em ondas espaçadas e sedosas.

Instintivamente, Lêna levanta-se e abraça a irmã mais velha com redobrado amor enquanto Maria Luisa, amegando os olhos de límpida faiança azul, a agarra, também, pela cultura num doce enlevo.

E a tia, olhos pregados naquele grupo gentil e belo, pensa de si para si, amorosamente:

—Como eu gostaria de ser a mãe da Fadinha Loura?!...

■ F I M ■

não vale? A beleza de rosto uma doença cruel a pode levar, a beleza da alma vive enquanto vivemos e quantas vezes não fica vivendo ainda nos corações daqueles que nos amaram?

Mas, como ia dizendo, quasi todas as outras meninas, da idade da minha fada, são tolas, vaidosas, e Ela, simples como uma flôr pura, gosta dos vestidos de sóbrias côres e de feitiços belos mas compatíveis com a sua idade, penteia-se como qualquer criança, com graça, mas sem artifício e é tão natural nos seus gestos, nos seus modos, que, sem querer, sem procurar fazê-lo de propósito, agrada a quantos tem a felicidade de a conhecer.

—Tem muitos irmãos?!...

—Como nós? prosseguiu Lêna.

—Estás sempre a interromper, Lêna! Nunca sabemos o fim! atalhou a amiga com impaciência.

—Deixa-a perguntar, Maria Luisa; está quasi a acabar a minha história. Sim, como vocês, quatro irmãos e uma irmãzita. E é vê-la com eles, bondosa, paciente, alegre, tão criança como eles, mas já uma verdadeira mulher. Com carinhos de irmã ajuda a mãe nos trabalhos rudes da casa, alegremente faz o seu dever, a cantar, a sorrir!

—Bem se vê que é fada! O dever é tão aborrecido! atalhou Lêna com uma carêta.

—Sim, é aborrecido para as almas fracas, mas a Fada Loura é forte de alma, por isso cumpre com os seus deveres a sorrir. Ajuda a criada nos seus enfadonhos serviços, e, entre os intervalos do estudo, põs que ama loucamente instruir-se, educar o espírito, cuida dos irmãos com carinho de mãe. Fiscaliza a «toilette» dos que vão para o colégio, veste o mais pequenino, ajuda os mais velhos a estudar as lições, delicadamente, fingindo-se mais ignorante para que eles se estimulem em lhe passar à frente, e, se alguém está doente, serenamente, cumpre á risca o seu dever de jovem enfermeira.





# SECÇÃO do Tiolónio

◆ ENGENHOCAS ◆ PASSATEMPOS ◆ ADIVINHAS ◆ JOGOS ◆

## PIM-PAM-PUM IMPROVISADO

TRES ou mais ro-lhas (B) e três bonecos de cartolina (A), um livro e alguns berlindes, eis tudo quanto é preciso para fazer um Pim-Pam-Pum.

Faz-se uma fenda nas ro-lhas e nume-ram-se com tinta. Es-



petam-se-lhe os bonecos nessa fenda, colando-os para ficarem mais bonitos.

Jogam tantos parceiros quantos forem os bonecos, sendo o número destes infinito. Ganha o jogo o parceiro que primeiro fizer 50 pontos.

## CARTA HIEROGLIFICA Ilusão do tacto

(Q)

NHOS

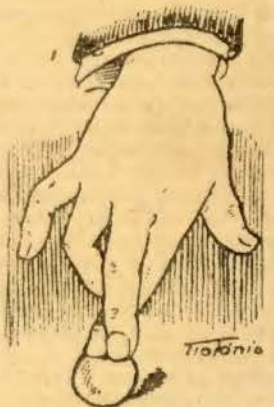
Meee

VR

RESPONDER.

PEGUE-SE numa bola de vidro, metal ou simplesmente de miolo de pão, aproximadamente do tamanho de um berlinde.

Sobreponham o dedo médio ao indicador e coloquem a bola, a que acima nos referimos no meio dos dois dedos sobre a mesa.



Nã o olhando para os dedos, tem-se a ilusão de que são duas e não uma única bola com que efectuamos a manobra. Esta ilusão é devida ao hábito que temos de tocar nos objectos com os dedos estendidos e na sua posição normal.

Um lápis ou uma caneta darão o mesmo efeito.

# Tio- Tônio

Meus meni-  
nos.

O nosso pre-  
zado colabo-  
rador Tio-  
Tônio, satis-  
fazendo o pe-  
dido de mul-  
tos leitores  
que teem dese-  
jo de co-  
nhecer a sua  
vera - effigie,  
enviou-nos o  
seu último  
retrato, tira-  
do na «Foto-  
Pires» umas  
das casas  
mais afama-  
das no géne-  
ro.

Podemos  
garantir-lhes  
a perfeita  
execução do  
trabalho, di-  
gno de figu-  
rar numa  
exposição de  
fotografias  
de Arte.

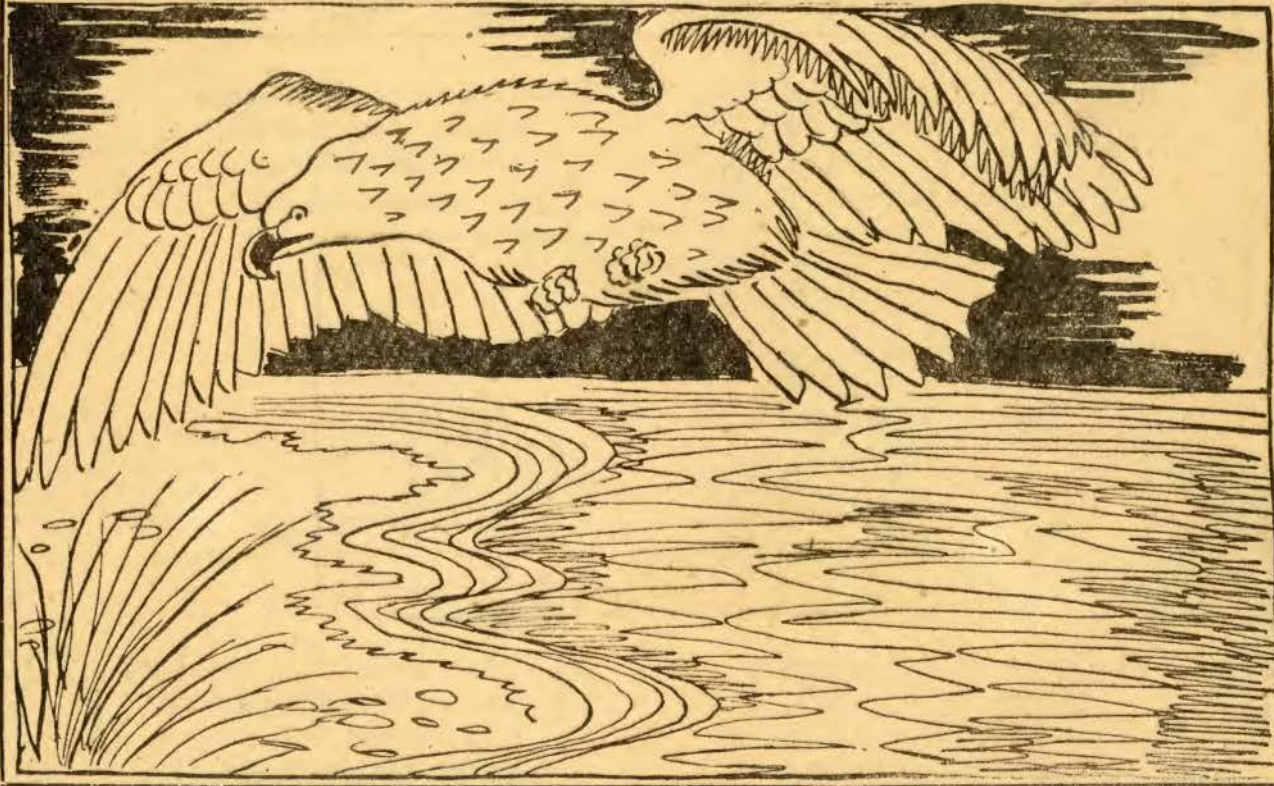


*Aos leitores do  
Pimp-Pam-Pum!  
de o  
Tio Tônio*

ANTONIO CARDOSO LOPES



## PARA OS MENINOS COLORIREM — (A Águia Marítima)



# UM BANHO DE MAR... FORÇADO



I— O garoto Jeremias, filho dum certo banheiro, foi comprar, há poucos dias, um corpolento carneiro.



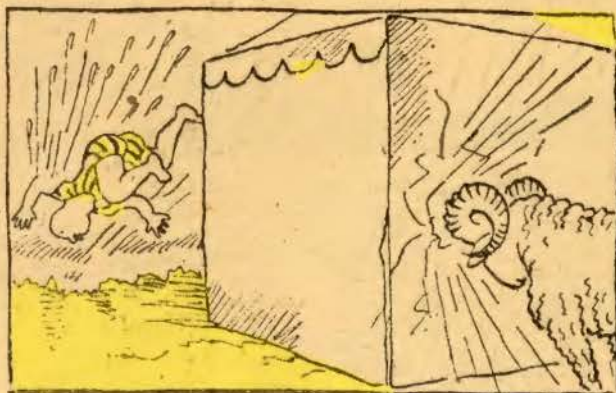
II— E aparece um cavalheiro, todas as manhãs na praia, que, ao ver o mar altaneiro, tem medo e quasi desmaia.



III— A's vezes, tem por filé tomar um banho de trúz; mas assim que molha um pé, tira-o, gritando:—«ai Jesus!»



IV— E passa os dias olhando o mar, da sua barraca, talvez até lastimando ser criatura tão fraca.



V— Um dia vendo o carneiro, na barraca, projectada, a sombra do cavalheiro, decidiu dar tal marrada

VI— que o nosso herói, nada herói, deu um mergulho tamanho, cujo resultado foi perder o medo do banho!